

## **Modos de Dizer, natureza e memória: A Colônia do Pulador em Anastácio (MS)**

**Andrea Silva Domingues**  
UNIVÁS

**RESUMO:** *Este artigo analisa as experiências sociais, culturais e a relação com a natureza dos residentes da Colônia do Pulador da cidade de Anastácio no Estado de Mato Grosso do Sul, oriundos de Pernambuco. O trabalho sobre a linguagem em depoimentos dos moradores busca compreender nos traços da memória o modo como a migração, a relação com a natureza, os valores e relações sociais dentro da Colônia produzem sentidos, projetando sonhos e receios.*

**ABSTRACT:** *This article examines the social and cultural experiences, as well as the relationship with nature of people coming from the state of Pernambuco who live in the community Colônia do Pulador, located in the state of Mato Grosso do Sul. The work on language based on oral statements of residents seeks to understand in the traces of memory how the migration, the relationship with nature, the values and the social relations within the colony make sense, projecting their dreams and fears.*

### **Apresentação**

Com o objetivo de compreender as singularidades da cultura material e sensível dos residentes da Colônia do Pulador da cidade de Anastácio no Estado de Mato Grosso do Sul, analisamos os modos de vida de homens e mulheres desta colônia, oriundos de diferentes regiões de Pernambuco. Observamos como estes sujeitos, enquanto personagens históricos significam suas relações com a natureza, como constituem seus valores e relações sociais, sonhos e apreensões, dentro da Colônia.

Para promover a análise proposta, trabalhamos com documentos escritos, e, principalmente com depoimentos. Nesta última forma, nossa atenção se volta para como a arte de falar é feita de complexidade, beleza e ludicidade. Estes elementos podem ser apreciados tanto ao longo de bons bate-papos, quanto de conversas formais. Assim como a pintura,

a escultura, a música, a dança ou até mesmo a literatura - considerados elementos de “expressão e comunicação artísticas” - a fala exige a criação constante de manifestações singulares que, embora estejam mergulhadas na rotina e no senso comum, deles se distingue.

Neste sentido, quanto maior a sintonia entre os interlocutores, melhor a produtividade e o sabor do diálogo, para quem o analisa. O artista envolvido com sua obra; o pintor com seus pincéis, tintas e telas; o escultor com seus modelos e formas; o músico com suas notas e sons; o bailarino com o seu corpo e a música; o escritor com suas idéias e letras, todos estes significam seus sentidos/sentimentos carregados de experiências sociais e culturais. Assim também o faz o contador de história, os memorialistas ou simplesmente todos, quando contam sobre a vida, rememorada e narrada, tal como a significam. Tornam-se “lugares de memória”. Como se verá, mais à frente, nosso método se apoia, fundamentalmente, na História Oral.

Do pintor ao escritor, todos passam por categorias de artistas e “arteiros”: quer-se *falar sobre algo*, seja através dos pincéis, dos sons, dos signos, do corpo, das letras, das palavras e nisto consiste também o que aqui chamamos de arte de falar. Trata-se, portanto, de uma arte comum, tal como Cauquelin (1999) considera o “lugar comum”, repleto de criatividade. Para Cauquelin, “comum” pode ser considerado aquilo que se partilha e se liga a um sentimento comunitário; por isso, costumes e também memórias são partilhadas. A idéia de que a “arte de falar” pode ser considerada uma arte do comum, indica que se trata de uma arte partilhada e que evoca o espaço público, enquanto social e, ainda, marcada por certa generosidade.

A arte de falar, aqui trabalhada, evoca uma convivialidade resistente, em parte, à homogeneização do dizer. Assim, a arte de falar é uma arte comum, não por que seja uma espécie de “primo pobre” de outra arte, mas, muito mais, porque “viver segundo o lugar comum” pode ser uma arte (Cauquelin, 1999, p.15) constituída de palavras ordinárias dotadas, porém, de grande precisão, as quais fomentam, a seu modo, os vínculos sociais e, igualmente, as distâncias e separações entre as pessoas. Além do esforço em ter acesso e compreender esta arte de falar, foi necessário compreender os espaços do município de Anastácio e, nestes, o da Colônia do Pulador.

No entanto, para se compreender a relação entre estes dois espaços geográficos, faz-se necessário inseri-los num outro espaço, que é o da cidade de Aquidauana. Anastácio e Aquidauana eram, na verdade, somente Aquidauana, sendo outrora denominadas por Margem Esquerda do rio Aquidauana (hoje Anastácio) e Margem Direita do rio Aquidauana (hoje Aquidauana).

Mas como o interesse deste artigo volta-se para a então Margem Esquerda, foram selecionados alguns estudos que procuraram caracterizar historicamente esta região. Estes estudos revelam que as terras da Margem Esquerda foram doadas à senhora Inocência Mascarenhas Corrêa pelo seu esposo Coronel Estevão Alves Corrêa (parte do Rio Aquidauana e Taquarusu, contra vertente e vertente do Jacarezinho, Ribeirão Acôgo até a foz).

A denominação de município de Anastácio se deu somente em 1965, quando a antiga Margem Esquerda desmembrou-se do município de Aquidauana, configurando-se assim o município de Anastácio. Um espaço, então, nomeável. Este, por sua vez, possui várias Colônias populacionais, entre elas a Colônia do Pulador.

Esta Colônia é formada por “migrantes” que vieram inicialmente de diferentes pontos do Estado de Pernambuco, principalmente das cidades de Surubim, Juá do Manso, Caruaru, Limoeiro, Vertente, Manduri e que começaram a adquirir terras - no atual município de Anastácio - aproximadamente nos anos de 1920. Estas terras faziam parte de uma fazenda pertencente à família Anderson e, no momento em que foram vendidas, foram divididas em Colônias. Na denominada “Pulador”, a produção básica era a mandioca, o arroz, a banana e o abacaxi. Anos depois, a Colônia transformou-se em diversos sítios onde predomina a pecuária de corte e de leite.

Voltando para o objetivo principal deste artigo, que é a de tornar visível a participação de homens e mulheres que passaram pelo processo de deslocamento rumo à constituição desta Colônia e sua relação com a natureza, através da análise de suas memórias<sup>1</sup>, para a reflexão de suas experiências cotidianas, foi preciso perceber as maneiras como eles se constroem como sujeitos de sua vida, buscando entender o significado das práticas de trabalho e de lazer cotidianos; seu modo de conceber/construir o passado e o presente; suas habilidades manuais e singularidades culturais, seu modo de significarem-se em suas práticas na relação com sua memória discursiva<sup>2</sup>.

Dentro desta perspectiva, a cultura material é entendida como a cultura que observa os fatos, os objetos concretos, estes que se repetem para serem interpretados como hábitos, tradições; são objetos e modos de produzi-los que possuem como característica básica o trabalho coletivo e um conjunto de saberes, ou melhor, de coisas a saber (M. Pêcheux, 1990) e valores, isto é, sentidos que passam de geração a geração, observados na população, atribuindo ao objeto mais que um significado técnico (Einaudi, 1989, p. 11-47).

Entre os elementos da produção dos materiais analisados, destacam-se os utensílios utilizados na casa de farinha da *Colônia do Pulador*.

Além dos sentidos e funções técnicas destes objetos, estudar a cultura material é, também, investigar suas relações sociais, sua historicidade e importância simbólica.

Por isso, faz-se necessário entender os sentidos das técnicas e materiais empregados no trabalho exercido no cotidiano dos depoentes aqui escolhidos, juntamente com o modo como, ao significarem, instituem seus valores e sensibilidades. Neste sentido, por “cultura sensível”, expressão de Alain Corbin (2000), entende-se o conjunto de sensibilidades (auditiva, gustativa, visual, olfativa e tátil) historicamente construído, mas também, as intolerâncias que vão sendo criadas ou abandonadas, tal como a maior intolerância ao frio, bastante recorrente nas lembranças acerca do Nordeste, ou como a crescente preferência pela alimentação baseada na carne, na erva mate, o gosto por novos usos da água, entre outros.

### **1 Práticas, migração e natureza.**

No percurso da pesquisa analisamos como a *Colônia do Pulador* iniciou sua povoação com homens, mulheres e crianças, e verificamos que estes vieram de um processo de deslocamento desde os anos vinte, observando-se, através dos relatos realizados com os “migrantes”, que as primeiras viagens foram realizadas, em boa parte, de navio. Estes partiam de Recife e desembarcavam no Rio de Janeiro; e, em seguida, o restante da viagem era realizada de trem. Isto ocorreu, provavelmente, até o término dos anos trinta. Depois dessa época, a grande parte dos “migrantes” utilizaram caminhões, chamados de “pau-de-arara”, para se deslocarem. Durante vários dias, com diversas outras famílias dividindo redes e banquinhos entre outros improvisos, eles viajavam na carroceria deste tipo de caminhão. Isto passou, por um processo metonímico, a significar não só o “transporte” que usavam, mas os próprios sujeitos que assim se deslocavam/migravam: os paus-de-arara. Assim se individualizavam (E. Orlandi, 2012) estes sujeitos, ditos pelo meio de transporte e pela condição de migrantes, que passam a ser identificados por esta denominação: *os paus-de-arara*. Já não é a palavra técnica da especialidade antropológica ou histórico-social, mas uma espécie de pejorativo, sem campo específico de pertencimento, que os identifica, de fora.

Por outro lado, à medida que fomos construindo a análise narrativa desta pesquisa fomos compreendendo o quanto as categorias de “nordestinos” e “migrantes” nem sempre especificavam de modo satisfatório as singularidades dos homens e mulheres nestas viagens. Assim, compreendeu-se que, embora os depoentes tendiam a se auto denominarem de “migrantes”, e também de “nordestinos”, na medida em que nossa conversa com eles se prolongava, aprofundando-se, apareciam

outras auto-denominações, tais como aquelas referentes a seus nomes, suas preferências e limites, as particularidades das regiões de Surubim, Limoeiro, Juá do Manso, Vertente, Caruaru. Do ponto de vista discursivo, pode-se afirmar que esta forma de denominação, de migrantes e nordestinos, embora se apresente como “auto-denominação” resulta, na realidade, de uma forma de antecipação, ou seja, é uma denominação que reflete o lugar do “outro” pelo qual este sujeito é denominado. A alteridade constitutiva de seu sentido de migrante. Quando esta denominação não desliza para o pejorativo: pau-de-arara.

A este respeito é importante ressaltar que, ao trabalhar com a categoria de “nordestinos”, Durval Muniz (2001, p.23) realiza uma reflexão bastante cuidadosa. Para o autor, “o Nordeste e o nordestino miserável, seja na mídia ou fora dela, não são produtos de um desvio de olhar ou fala, de um desvio no funcionamento do sistema de poder...” demonstrando que “tanto o Nordeste como os nordestinos são invenções de determinadas relações de poder e do saber”. Durval faz compreender como é o processo da invenção, efeito do imaginário, podemos acrescentar, através das noções referentes aos “nordestinos”, produzido pelos discursos da mídia, que acabam muitas vezes ressaltando a ação discriminatória sobre a região do Nordeste e seus habitantes.

Contudo, não se pretende, neste artigo, discutir ou reverter este discurso de discriminação, criado pelos estereótipos relacionados à região do Nordeste. Como diz Durval Muniz, na continuação: “tanto os discriminados como o discriminador são produtos de efeitos de verdade, emersos de uma luta e mostram os rastros dela”. Durante as entrevistas, vários depoentes insistiam na auto-denominação de migrante, e, no decorrer da escrita, escolheu-se por mantê-la entre aspas porque a sua manutenção também é carregada de sentidos. Trabalhou-se na direção de enfrentar o entendimento de alguns desses sentidos. Se na maior parte de suas falas, eles insistiram em se chamarem de “migrantes”, podemos considerar que esta categoria se afirma, não apenas para encobrir diferenças, mas, sobretudo, para manter o que chamaríamos de uma certa coesão cultural e pela permanência da memória desta condição, para toda a *Colônia do Pulador*. Elemento de desejo de unidade, de identidade e de certa homogeneidade, ainda que imaginária, do grupo.

## **2 História oral e seu uso na pesquisa**

A História oral, para os historiadores, tem sido uma das grandes contribuições ao estudo das experiências de homens e mulheres em diversos e diferentes setores da sociedade, abrindo um caminho de conhecimento e possibilidades de valorização de grupos sociais até então invisíveis na documentação escrita.

Como se sabe, a história oral é uma metodologia de pesquisa que consiste em realizar entrevistas gravadas com pessoas que podem testemunhar sobre acontecimentos, conjunturas, instituições, modos de vida ou outros aspectos da história contemporânea. No Brasil, a metodologia foi introduzida na década de 1970, e, a partir dos anos 1990, sua presença cresceu muito. No mundo inteiro é grande a produção de livros, revistas especializadas e artigos sobre história oral. Há inúmeros programas e pesquisas que utilizam os relatos pessoais sobre o passado para o estudo dos mais variados temas. Em nosso caso, da perspectiva do historiador, temos na história oral um instrumento importante de trabalho. Se, de um lado, nos permite utilizar outros materiais que não somente os grandes documentos, a escrita, a preocupação com a linguagem torna-se mais relevante e, ao mesmo tempo, mais exigente. Isto nos permite ir ao encontro das elaborações de disciplinas da área das ciências da linguagem.

As entrevistas de história oral são tomadas como fontes para a compreensão do passado, ao lado de documentos escritos, imagens e outros tipos de registro. Seus materiais fazem parte de todo um conjunto de documentos de tipo biográfico, ao lado de memórias e autobiografias, que permitem compreender como indivíduos experimentaram e interpretam acontecimentos, situações e modos de vida de um grupo ou da sociedade em geral. Isso facilita a compreensão das experiências vividas por outros.

Em nosso caso, por meio da História oral, nos foi possível conhecer, de uma maneira especial, os moradores da *Colônia do Pulador*, suas múltiplas experiências com a natureza e modos de perceber o mundo.

Na *Colônia do Pulador* há diferentes experiências relacionadas ao deslocamento, cheias de representações, imagens, acerca da saída de Pernambuco, da chegada em Mato Grosso, carregadas de angústias, perdas, ganhos, e ressentimentos que, juntas, tornaram-se uma alternativa *de busca da sobrevivência em terras distantes, na perspectiva de um futuro melhor*. Enunciado este não dito com estas palavras mas significado de muitas outras maneiras nesse espaço do sujeito migrante face ao seu deslocamento. Como demonstra Willians (1990), as maneiras de viver no campo envolvem diferentes práticas, e, na *Colônia do Pulador*, homens e mulheres buscaram formas diferenciadas de sobreviver, envolvendo práticas/experiências diversas, como o trabalho rural em terras próprias, arrendadas ou de fazendeiros e o cultivo de plantações variadas, como a mandioca, o arroz, o milho, verduras e árvores frutíferas.

Ao pensar que “só há experiência em sentido pleno quando entram em conjunção certos conteúdos do passado individual com outros do passado coletivo” (Guimarães Neto, 2000, p.213), *entende-se* que o in-

dividual e o coletivo se conjugam, igualmente, nas memórias dos “migrantes”.

Para esta pesquisadora “.. as recordações não são meras exposições da memória, mas um olhar através do tempo múltiplo, um olhar que reconstrói, decifra, revela e permite a passagem de um tempo a outro e, especialmente trazem a possibilidade de atualização do passado no presente...” (Guimarães Neto, 2000, p.99-114). A memória nem poderia mesmo ser exposta, tal um quadro, exposto após ser pintado. Por ser viva, manter-se em constante processo de construção, ao invés de ser revelada, exposta ou apresentada, ela é trabalhada em meio às conversas que se manteve com cada depoente. O processo de recordar é, portanto, uma prática e inclui uma multiplicidade de experiências.

Com o intuito de refletir sobre as atualizações do passado no presente<sup>3</sup>, trabalhamos uma série de depoimentos diferentes, relativas a vários momentos de vida de cada um, observando, sempre, que é possível a influência significativa da natureza no ir e vir dos vários momentos da vida. Assim, a multiplicidade dos tempos pode ocorrer em um mesmo momento nas falas dos depoentes, pois há uma contiguidade característica aos trabalhos da memória, muito mais forte do que uma continuidade de eventos ordenados de modo sucessivo num único “fio” de tempo. O hoje é sempre carregado de diferentes temporalidades coabitando falas por vezes de modo pouco visível. O ir e vir fez com que se pensasse a história de forma múltipla, refletindo a diversidade da experiência e a pluralidade do próprio tempo.

São os “migrantes”, residentes na *Colônia do Pulador* e no município de Anastácio, que se procura conhecer e estudar no momento. Sabe-se que esses homens e mulheres lutaram para conquistar e fazer progredir seus espaços nas terras mato-grossenses. Tais espaços foram construídos lentamente, cotidianamente, com entusiasmo, respeito, perseverança, com um espaço em que a natureza é menos inóspita do que a de suas origens, mas, também, com muito trabalho para domesticá-la e para aproveitar suas riquezas e forças.

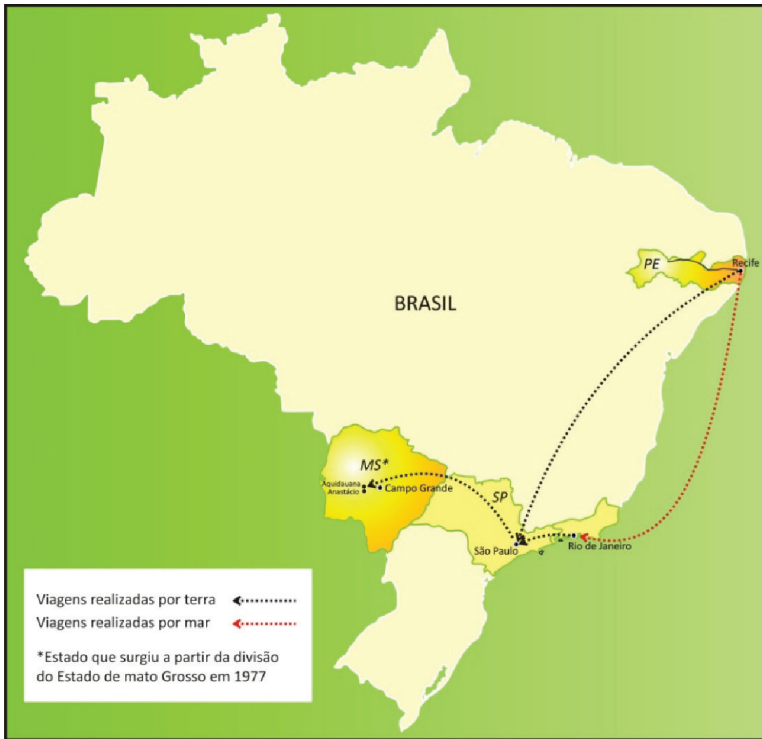


IMAGEM (01)- Mapa do deslocamento realizado pelos migrantes da Colônia do Pulador

### 3 Natureza e poder: o paraíso imaginado

Sabe-se que uma característica do corpus de natureza oral é a de uma fonte viva, inacabada. E que, portanto, a história que se visa é uma história inacabada. O entrevistado relata e ao mesmo tempo cria sua história de vida através do tempo. Foi no relato entre o passado e o presente, mesclando um ao outro, que nossos depoentes auxiliaram na reflexão do processo de deslocamento do Estado de Pernambuco para o então atual Mato Grosso do Sul.

Na série de depoimentos dos homens e mulheres residentes na *Colônia do Pulador* são observadas referências de uma época marcada por muito trabalho, mas também de um forte convívio com tradições familiares que passaram de geração para geração. A chegada em Mato Grosso e a saída do Nordeste foram ditas nas falas dos depoentes, deixando entrever o quanto a memória condensa vários tempos. Em geral o passado é significado como um tempo de labor árduo, o que lhes serviu de

motivo para se deslocarem de diferentes regiões do Nordeste do Brasil rumo à região de Mato Grosso, Estado dividido em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul no ano de 1977. Em uma grande parcela dos casos, os “nordestinos” narram que resolveram vender a “...*terrinha que tinha...*” e, com a família, se mudaram para o Mato Grosso. Em outras regiões, frequentemente, os homens contam que deslocavam-se primeiro com o objetivo de conquistar algo para depois buscarem suas mulheres e seus filhos. Mas os homens aqui estudados se mudaram, para a nova terra, acompanhados da família, por vezes extensa, constituída de pai, mãe, filhos, avós, primos, tios, irmãos e amigos.

**3.1** Durante as entrevistas, os sujeitos depoentes contaram como descobriram e criaram a imagem de Mato Grosso. Entre eles, Maria José Barbosa que nasceu em Juá do Manso, no município de Vertente, no Estado de Pernambuco, casada e mãe de dezesseis filhos, falou das primeiras imagens da região, logo que soube da possibilidade de se mudar. Com uma tonalidade de voz firme, ela fala da construção destas imagens da abundância de Mato Grosso: “... *Ele ficou sabendo disso com Suza Pinheiro, pai de Mavi, ele chegou lá fez a cabeça dele, disse que a caça vinha pro quintal, o viado, o tatu, era tudo junto com as galinhas...*”.

O imaginário de uma região próspera, com fartura de caça e de terra, entusiasmou Dona Maria José e contagiou sua família. Nela, havia o mito da terra e do mercado de trabalho fartos, capazes de transformar a vida de qualquer um numa trajetória destinada ao deslocamento rumo à melhoria social e econômica desejada.

Durante as décadas de 1950 e 1960, mudar para o Estado de Mato Grosso torna-se uma tendência crescente. Contribui para isto uma série de homens conhecidos como “divulgadores de terras”<sup>4</sup>: consistiam numa pequena parcela de viajantes, que iam para a região do Nordeste, com a missão de divulgar e vender as terras de fazendeiros. Contudo, a maioria dos residentes da *Colônia do Pulador*, segundo seus depoimentos, tiveram notícias da região através de seus próprios amigos e familiares. Estes enviavam cartas estimulando os outros a se mudarem também. Souberam da região, graças às visitas de parentes ou conhecidos, os quais demonstravam o entusiasmo e contentamento pela fertilidade do território, auxiliando no anúncio e na formação da imagem do “Paraíso” tão sonhado, atribuindo, a este chão, qualidades de fertilização e bom para a criação de animais. Ter conhecidos já residentes na nova terra e a perspectiva de habitar num lugar fértil foram alguns dos principais estímulos para o deslocamento de várias famílias entrevistadas, tais como aquelas de Maria José Barbosa e de Antonio Gomes de Brito. Este

nasceu no ano de 1918, em Vertente de Taquaritinga em Pernambuco. Foi criado pelo pai e uma irmã mais velha devido à morte prematura de sua mãe. Concentrado no que falava e com muita seriedade, Antonio conta como foi sua chegada em Mato Grosso:

... Se sabe eu vou conta o acontecido da chegada aqui, nós chegamo em 32 que meu pai veio avisitá um compadre que morava ai na Morraria, tinha um, já fazia oito ano que tinha saído de lá, então veio avisita ele ai, prometeu que logo ia vende o que tinha pra vim pra cá mas o **ano lá foi ruim** a gente espero pro outro ano e chegamo aqui no ano de 34...

Observe-se que no depoimento, não se fala mal da terra: o **ano lá foi ruim**. O camponês não se desliga da terra que cultivava. Não a significa como sendo ruim. O “ano” é que foi ruim. Esta é uma forma desse sujeito, ao significar a terra, significar-se. E poder projetar-se um futuro: em um ano que não será ruim.

3.2 Entre os depoimentos referentes à mudança para Mato Grosso também se tem a fala de uma senhora chamada Maria Olímpio, nascida na cidade de Limoeiro em Pernambuco, que, com muita calma, sossego e relaxada na varanda de sua casa, relembra:

... Meu pai tinha um irmão aqui que veio novo pra qui ele morava aqui no Pulador chamava-se José Valério conhecido como tenente o pessoal chamava de tenente ai meu pai veio ai gostou daqui mandou buscá a gente, meu pai veio de lá visita ele aqui gostou né **porque aqui tinha mato tinha bastante lavoura né**, ele mandou buscá a gente por outro irmão dele que morava em São Paulo um tal de Joaquim, Joaquim Valério ai ele mandou trazê a gente...

Aqui, se fala do positivo: mato, lavoura. É a forma do lavrador se significar. Dona Maria Olímpio, seu Antonio e outros depoentes, ao narrarem suas histórias, recorrem ao detalhamento de quem chegou primeiro, de quem contou para quem sobre aquelas terras. O que conta ainda, mesmo na mudança, é a manutenção de relações dos sujeitos do grupo. Um puxa o outro: este o sentido da migração. Há uma certa diversidade de pessoas envolvidas na decisão de partir, o que indica o quanto a mudança para Mato Grosso envolvia laços sociais e se dava, em grande medida, pelas práticas coletivas. Além disso, as narrativas destes depoentes tendem a ser recortadas por nomes de pessoas, por referências a sujeitos comuns que cruzaram as suas trajetórias de vida, por vezes, rapidamente

te. A precisão da fala dessas pessoas está muito mais na localização de nomes e lugares do que na narrativa que privilegia o que acontece com estes lugares e nomes. São as relações que se afirmam.

Contudo, todos os depoentes, homens e mulheres, ao narrarem o processo de deslocamento vivido por eles para o Estado de Mato Grosso, mesmo em condições diversas, significam que houve uma resistência na idéia de mudar, de se deslocarem de seu território. A *mudança* representa um gesto muito sério para eles, pois significava, naquele momento, partir em busca de um espaço imaginário constituído da suposta terra fértil e melhores condições de vida. A seca, a falta de água, embora reais, não são tão significadas em suas palavras como as causas do deslocamento, quanto, isso sim a imagem e o desejo de ter uma vida com melhor qualidade, através da agricultura ou com a fartura da fauna e da flora que supostamente encontrariam.

É interessante observar que, nas conversas descontraídas com alguns moradores da Colônia, foi contada uma história, que os mais idosos já falecidos contavam aos mais novos: no período da Guerra do Paraguai, quando as tropas passaram pelas terras de Mato Grosso, havia diversos soldados de origem pernambucana e, entre estes, um soldado sobrevivente que, por causa de algum mérito, passou a ser chamado de Tenente. Após conhecer as terras mato-grossenses ficou encantado com a natureza bela, com suas matas e animais. Ao retornar a Pernambuco, convidou alguns amigos e parentes para criarem a *Colônia do Pulador* dando, assim, o início a este paraíso imaginado. Esta história fez com que a palavra *tenente* ganhasse o estatuto de um tipo de tratamento a algumas pessoas consideradas importantes da região, e, contribuiu também para criar uma origem, ou o mito de origem, da Colônia bastante aceitável para os que nela fixaram residência.

Ao mesmo tempo, a idéia de um clima bem definido, verão / inverno, funcionou como um forte atrativo para muitos dos familiares se deslocarem. Segundo Antonio Gomes de Brito e Maria Olimpio da Silva Nascimento, por exemplo, um clima bem definido significava, de uma certa maneira, a segurança de uma boa colheita:

... aqui tinha fama que era melhor. Porque o **ano seco** não dava nada, num sabe e aqui quarquer coisa que plantava i dava, então já era uma vantagem, era uma vantagem pra nós...<sup>5</sup>

... é que lá nós **não lucrava todo ano**, e aqui nós lucrava porque chuvia bastante, lá quando nós tava com a lavoura pra lucrá vinha a seca acaba com tudo não lucrava nada, **argum ano quando dava**, que era bom de inverno nós lucrava bastante...<sup>6</sup>

Novamente, é o **ano** (não a terra) que lucra, como apontamos acima, no discurso do lavrador.

Entre as lembranças da mudança da terra natal para o Mato Grosso, a idéia de lucro aparece em alguns momentos, principalmente quando “lucrar” é relacionado à produção agrícola, trazendo a esses homens a idéia de cultivar a terra, que até então ainda era mata ou servia para pastagem do gado. Nas falas dos sujeitos que narram, que depõem, a ideia de lucrar caminha junto com a possível terra fértil, onde poderiam plantar, cultivar produtos como a mandioca, o abacaxi e tudo que a terra pudesse dar, tendo como resultado uma colheita que não fosse destinada apenas à subsistência da família, mas também à venda, à troca na cidade, podendo assim no próximo ano aumentarem o plantio ou suas terras. Afirmam, nesse discurso, sua identidade de lavradores.

De fato, na maior parte dos depoimentos, o clima aparece como a principal razão do deslocamento de homens e mulheres para a *Colônia do Pulador*. Eles mostram que, em Pernambuco, a falta de um clima que possuísse a estação de inverno definida prejudicou bastante as suas vidas, fortificando o abandono da terra de origem, como relembra Antonio Gomes de Brito, que utilizou de muitos gestos e uma face entristecida para falar que: “... *Pernambuco no tempo que eu saí de lá e até hoje mesmo, se nele não **fartasse um inverno no tempo necessário**, não havia lugar melhor...*”. O que vemos, novamente, é o **inverno** que falta, no **tempo necessário**. A terra não falta.

Há sujeitos depoentes, como Maria José Barbosa, que consideravam sua vida razoável no Nordeste, “... *lá nós era acostumada né, lá a gente tinha uma vidinha boa, trabalhava na roça, mas não tinha calor, não tinha frio...*”. Ao contrário das queixas ao clima rude, há lembranças de um clima ameno, propício à saúde e ao trabalho. E segundo várias outras recordações sobre o Nordeste, as estações do ano não possuíam um período próprio e, na maior parte das lembranças, a seca era predominante. Ao deslocarem-se para o Mato Grosso, eles sentiram a diferença, porque a região de Anastácio possui duas estações bem definidas, com inverno seco e verão chuvoso, podendo a temperatura alcançar a marca de 40 graus nos meses de verão. Como os “migrantes” não estavam acostumados com essa mudança de temperatura, o clima é um aspecto presente em todos depoimentos.

3.3 No entanto, com o passar do tempo, as imagens do passado e do presente não permaneceram as mesmas. Os trabalhos da memória implicam, constantemente, novos arranjos entre as diferentes lembranças e a criação de limites às mesmas, tais como aquele de Dona Maria José: “... *hoje não quero nem me lembrar do Norte, me acostumei de um jeito...*”.

Visto que a *Colônia do Pulador* é constituída em sua maioria por homens e mulheres que vieram do Estado de Pernambuco, a adaptação dessas famílias não ocorreu com grandes dificuldades. Verifica-se que “... uma vez superados, a angústia, o medo, a resistência e o ressentimento da mudança, o olhar para trás, o juntar traços vivenciados no passado reforçaram os sentimentos de pertencimento ao grupo...” (Lucena, 1998, p.12).

Ainda a respeito da memória, é preciso também entendê-la como uma reconstrução de narrativas num processo de deslocamento constante, que vai se movimentando de acordo com a realidade vivida por cada um. As lembranças do passado significam no presente e vão sendo transformadas a cada dia. A memória passa, então, a reescrever a realidade vivida, produzindo um conjunto de representações do depoente e construindo um caráter coletivo (Bosi, 1994). Novos sentidos assomam e tomam corpo. Constroem outra realidade.

Os lugares, espaços de vida, são carregados de significados para os que desejam mudança, pois, homens e mulheres, ao partirem para terras distantes, depositavam a esperança de encontrar uma vida melhor. O sentido da mudança é este: um espaço onde *a vida é melhor*.

Para muitos deles, (como no caso de alguns nordestinos em São Paulo) é interessante ressaltar que existe um projeto de retorno à terra de origem. Esta tendência se diferencia daquelas dos moradores da *Colônia do Pulador* pois, para eles, a mudança se apresenta como definitiva: eles vinham para o Mato Grosso para se fixar com suas famílias nas terras adquiridas. Desta maneira, vendiam seus bens para partirem rumo ao Paraíso Imaginado. Dona Maria Olímpio e o senhor José Manoel, por exemplo, falaram de como se organizaram para partir:

...Nóis tinha terra, ai as cabra, vaca, minha mãe vendeu tudo, meu pai mandou procuração, ai vendemo tudo...<sup>7</sup>

..Aí quando ele resolveu foi de uma vez, **ele terminou de lucrá o lucro ele vendeu tudinho**, aí vendeu a casa, só tinha casa, com um terreno que tinha, ele vendeu baratinho memo...<sup>8</sup>

Nos relatos dos sujeitos depoentes vislumbram-se os sonhos do deslocamento, os desejos esperados em relação à procura de uma nova vida. Nas narrativas orais de Antônio Gomes de Brito, conhecido como Lalau, e de Maria Olímpio da Silva Nascimento, percebe-se, nas entrelinhas, que o desejo da mudança era o de encontrar trabalho, uma forma de sobrevivência que “desse mais lucro”. Eles vinham com a esperança de encontrar um lugar onde pudessem produzir e melhorar de vida: “...

*Esperava encontrar dificuldade porque todo canto tem povo pobre né, mas aqui tinha fama que era melhor...".* Antonio, ao falar do que esperava encontrar em Mato Grosso, chama a atenção para "a fama" que tinha a região mato-grossense, de que era melhor. É importante lembrar que havia uma propaganda feita pelos homens que já habitavam a região, e que, através de encontros com seus familiares, ou envio de cartas, havia uma divulgação destas terras, do clima definido, da fauna, da flora e da fertilidade do chão.

Os entrevistados também mencionavam várias lembranças alegres como relata Dona Maria Olímpio: *"...Eu fiquei feliz, esperava encontrar o que eu imaginava ficá aqui trabaiá. Tinha a lavoura que ia dá muita coisa assim de lucro..."*

Em cada narrativa estão inseridas lembranças de um passado onde o deslocamento social torna-se uma espécie de sinônimo de conquista de uma vida melhor em outra cidade / Estado / Região, marcado pela trajetória de vida de cada "migrante". Estes, com sonhos em comum, partiam em busca da terra idealizada onde: *"plantava de um tudo, de bananeira, mandioca, muda de abacaxi, batata, arrois, milho, a gente plantava o que dava"*<sup>9</sup>. Uma terra, onde a natureza colaborava com chuva e sol, oferecendo um clima apropriado para a concretização de uma boa colheita. Esperava-se assim, traçar um elo, uma ligação, entre a natureza e os homens, em que proliferassem fartura e segurança. A natureza de Mato Grosso era, portanto, vista como uma espécie de aliada dos homens, fato este nem sempre presente nas memórias referentes à natureza do Nordeste, em particular de Pernambuco.

Domesticar a natureza através do plantio, do cultivo, da colheita, da criação de animais, de desvio de rios através de valetas que se tornaram córregos fazia parte do cotidiano na Colônia. A luta contra os imponderáveis naturais, tais como: a falta de chuva, a seca, a terra dura, a perda de plantações inteiras pertencia aos dias vividos em Pernambuco. A experiência de vida no Nordeste, que tinha como base o princípio de busca do sustento da família, é caracterizada pela lida na roça, mas também traz consigo a memória de uma ideologia de trabalho, de saberes tradicionais sobre como carpir, plantar, colher e adubar a terra. Assim, o cotidiano desses migrantes era marcado também por outras relações com a natureza. Por exemplo, nas noites claras, de lua cheia, a memória era a da brincadeira de roda que se tornava mais prazerosa:

...era gostoso ficava toda aquela moçada ali no escuro memo não era luz elétrica não, era no escuro memo e nós cantava bastante aqueles versinho de amor aquelas coisa né e nós cantava naquelas cantiga e ficava brincando até tarde na noite na rua, quando a

noite era de lua que era boa né, era claro, a noite era de lua tinha a claridade da lua na noite na noite de escuro a gente também brincava ali no terrero...<sup>10</sup>

**3.4** O escuro era povoado de contos e experiências de diversão coletiva, assim como da presença majestosa da lua. Por outro lado, é interessante observar que ao lembrar tempos vividos, a relação com a água, mencionada em diversas entrevistas, que para grande parte dos entrevistados era utilizada nos afazeres domésticos e higiênicos, não foi significada como a causa central da migração, embora a chuva, a questão climática, como já mencionamos, trouxesse os migrantes para o centro Oeste do Brasil.

Durante as entrevistas, os entrevistados discorrem sobre essa relação com a água:

...quando chegava em casa passava num rio, tem vez que o rio tava cheio né no rio Capibaribe porque nós morava no outro lado tinha que cruza o rio né, quando vinha de lá as veiz tava uma enchente ele cruzava a gente assim ó (mostra que era em cima dos ombros) com água aqui e passava de um e um a vida na verdade era essa tomava banho no rio, naquele tempo não fartava água no rio agora farta né, mas aquele tempo quando a gente era novo a gente tomava banho todo dia nos poço d'água do rio cada poço que tinha, depois que nós saimo de lá é que começou a seca e seca...<sup>11</sup>

O passado ficou na memória juntamente com a experiência dos banhos diários. Na memória que contava, a natureza era prazer. O rio Capibaribe, por exemplo, era local de passagem obrigatória para alguns migrantes, paisagem cotidiana, fonte fundamental de abastecimento da população:

...quando tinha folga lavava roupa, tinha água no rio Capibari tinha o rio nesse tempo ele não secava quando ele secava aí nós abria aquelas cacimba ali tinha água debaixo raziño né abria areia a areia cobria aí nós abria catava água fazia a gente colocava um caixão assim de coisa assim na água ficava aquele cantiuzinho né daí pra vim a água colocava uma tampinha pra não cai sujeira a água é dali que vinha mesmo no nosso tempo não tinha falta d'água não nós não mas tinha muito lugar que a seca prejudicava prejudica até inda hoje né maço no nosso tempo da a donde nós

morava não tinha seca porque nós tinha o rio o rio não deixava de dar água...<sup>12</sup>

Nas palavras de Maria Olímpio ao falar da água, observamos que a entrevistada fala no diminutivo em vários momentos (razinho, cantiu-zinho, tampinha...). A atribuição do diminutivo indica ou sugere a relação, na memória, que é delicada, amorosa, cuidadosa com o trabalho relacionado à coleta da água:

...Sábado Domingo, no domingo nós não ia não lava roupa mas no sábado nós lavava no no oio d' água, no oio d'água que tinha... Oio d'água era um um um troço lá que é grande poço lá furado no meio e aquilo ali era cheio direto não secava...<sup>13</sup>

As lembranças mostram que a água para os migrantes era muito presente no cotidiano, em rios, bicas, “oio d'água”, córregos, valetas entre outros. A presença da água não era uniforme e a sua lembrança nos remete para a diversidade da paisagem aquática na vida dos migrantes, abarcando imensos rios até aqueles mais “miúdos”, as bicas e os pequenos córregos.

### **Finalizando**

A imagem do Paraíso Imaginado que significa nas falas dos migrantes pernambucanos desejosos de vida melhor, de animais no quintal, de uma natureza com clima definido ganha contornos específicos na prática da migração.

Na memória desses migrantes pernambucanos da Colônia do Pula-dor, a natureza tem um significado amigável, confirmado todas as vezes que eles se referem ao auxílio que ela traz para o desenvolvimento da agricultura da região. As falas referentes a natureza estão centralizadas no passado agora vivido, e como elas fazem parte do já acontecido, talvez exista aqui um certo tom de estabilidade, atualmente rara, especialmente se pensarmos no tema das mudanças climáticas, tão veementemente ditas hoje em sua instabilidade.

A imagem do paraíso imaginário que atravessa as falas dos entrevistados, e que se demonstraram desejosos de um vida melhor, de animais no quintal, de uma natureza com clima definido ganha sentidos específicos com o deslocamento. No relato saturado das lembranças, a natureza tem um significado amigável, confirmado todas as vezes que eles se referem ao auxílio que ela traz para o desenvolvimento da agricultura da região. Mas, importa sublinhar aqui, que as lembranças deste imaginado paraíso não poderiam existir sem a presença, por vezes, bastante

forte, das experiências vividas após as viagens, das lembranças trabalhadas pela memória que resignifica, sem cessar, aquilo que se viveu e o que se vive ainda hoje. Memória trabalhada/constituída como parte do deslocamento dos sentidos que vão afetando esses sujeitos, migrantes, desde que se apegam aos sentidos da mudança. Mudança e ressignificação constantes no movimento da memória. Afinal, o deslocamento no espaço não deixa tampouco imóveis os sentidos do que muda.

## Notas

1 Estamos aqui falando de memórias, no sentido social, o de lembranças apreensíveis. Não se trata ainda, do que, em análise de discurso, se denomina memória, em que intervem o discursivo, ou seja, em que se pensa a memória como a exterioridade constitutiva do discurso, isto é, aquela em que *algo fala antes, em outro lugar e independentemente* (M. Pêcheux, 1990).

2 Aqui nos aproximamos do que diz a análise de discurso sobre a memória, saber discursivo, interdiscurso: “*Alguma coisa fala antes, em outro lugar, independentemente*” (M. Pêcheux, 1988).

3 Em análise de discurso se define o próprio acontecimento como ponto de encontro entre a memória e a atualidade.

4 Em análise de discurso, fala-se em “porta-vozes”, “mediadores” que são aqueles que transitam pela discursividade de forma a que se passe para um campo de sentidos ainda não experimentados.

5 Fala de Antonio Gomes de Brito.

6 Fala de Maria Olimpio da Silva Nascimento.

7 Relato de Maria Olimpio da Silva Nascimento.

8 Fala de José Manoel do Nascimento.

9 Fala de Antonio Gomes de Brito.

10 Entrevista realizada com Maria Olimpio do Nascimento

11 Ibidem.

12 Entrevista realizada com Maria Olimpio do Nascimento.

13 Entrevista realizada com Benvinda Maria da Conceição.

## Referências Bibliográficas

- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. (2001) **A invenção do Nordeste e outras artes**. Recife: Ed. Massangana. São Paulo: Cortez.
- BOSI, Ecléa. (1994) **Memória e Sociedade, lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras.
- CAUQUELIN, Anne. (1999) **L'Art Du Lieu Commun**. Du bon usage de la doxa. Paris: Seuil.
- CORBIN, Alain. (2000) **Histoire du Sensible**. Paris: ed. La Decouverte.

- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. (1995) **Quotidiano e poder**. São Paulo: Brasiliense.
- DOMINGUES, Andréa Silva. (1998) **Recorte da Memória Política do Município de Anastácio**. Anastácio-MS: UFMS.
- EINAUDI, Enciclopédia. (1989) **Homo – Domesticação**. Cultura Material. Imprensa Nacional da Casa da Moeda. V. 16.
- GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. (2000) “Artes da memória, fontes orais e relato histórico”. In: **Revista História e Perspectivas**. Uberlândia – MG: EDUFU, n. 23.
- LUCENA, Célia Regina P. de Toledo. (1998) Memórias de famílias migrantes: Imagens do lugar de origem. In: **Revista Projeto História**, São Paulo: EDUC, n.17, nov.
- MONTENEGRO, Antonio Torres. (1994) **História Oral e Memória: a cultura popular revisitada**. São Paulo: Contexto.
- ORLANDI, E. (2012) **Discurso em análise**. Campinas: Pontes.
- PÊCHEUX, M. (1983) “O Papel da Memória”. In: ACHARD, P. et al. (orgs.). **O papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999.
- PORTELLI, Alessandro. (1996) “A filosofia e os fatos, narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais”. In: **Revista Tempo Departamento de História da UFF**. Rio de Janeiro: n.3.
- RAMONEDA, J. (sd) **Que es la ciudad in Jean Dethier y Alain Guiheux**. Visiones Urbanas. Europa, 1870 – 1993. Barcelona: Centro de Cultura Contemporânea, Sociedad Editorial Electa España.
- WILLIAMS, Raymond. (1979) **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar.
- \_\_\_\_\_. (1990) **O campo e a cidade**. Ed. Schwarcz.

**Palavras-chave:** cultura, natureza, linguagem

**Key-words:** culture, nature, language